

corpo e o que este produz, os órgãos da fonação, a enunciação, e a recepção ativa que se efetua no outro corpo, ou no corpo do outro, que escuta e que não só percebe conteúdos, ideias, pensamentos, nomes ou conceitos, mas também vibrações, efeitos, sentimentos, suspiros, tremores. Acho que é uma bela descrição, poética e por isso realista, da sensorialidade, da sensualidade da palavra humana, em sessão analítica ou fora dela.

O momento estruturalista que tanto contribuiu para os estudos da linguagem, iniciado por Ferdinand de Saussure, retomado por notáveis linguistas como Roman Jakobson, Emile Benveniste, mais recentemente Roland Barthes, foi sem dúvida, um avanço extraordinário na ciência da linguagem, que foi exportado a outras muitas disciplinas das ciências humanas, como a história, a sociologia, a psicanálise e a crítica literária. Eu cresci intelectualmente no âmbito destas duas últimas disciplinas mencionadas, estudos literários e psicanálise: foram caminhos pelos quais não me cansei de andar. Foram as vias mais acessíveis para minha sensibilidade pessoal para me aproximar ao enigma da neurose, do sofrimento psíquico, da loucura e também da poesia. O livro que tive a honra de escrever com J.-B. Pontalis, *Freud avec les écrivains [Freud com os escritores]*, está dedicado a Jean Starobinski, um amigo pessoal de J.- B. e uma estrela que iluminou meu andar entre psiquiatria, psicanálise e crítica literária.

2. Corpos

Prefiro me referir em plural a *corpos e línguas* na sessão analítica. Muitas vezes, os plurais mudam a perspectiva de uma problemática. Didier Anzieu assinalava, com humor, que não é o mesmo falar *do* seio ou *dos* seios. O singular convida a se permanecer no conceito, na generalidade, no abstrato. O seio pode ser bom ou mau. O plural, os seios, chama ao corporal, aos corpos femininos, convida ao sensível. O falo, nesse sentido, corre o risco de fazer esquecer a sexualidade genital de homens e mulheres. *Os corpos* evocam imagens que não são solicitadas quando dizemos *o corpo*. Os corpos me fazem pensar em corpos de mulheres e de homens, em corpos onde os dois gêneros se confundem em uma indecisão, ela mesma corporal. *Os corpos* me fazem imaginar os desaparecidos pelo terror de Estado, ou os corpos errantes dos refugiados de guerra que percorrem, nestes momentos em que me dirijo a vocês, os caminhos da velha Europa, ou que naufragam todas as semanas aos milhares no Mediterrâneo, que separa e une tantas civilizações e barbáries. O *mare nostrum* se transforma agora em um mar de corpos mortos, em um *cemitério marinho* que Paul Valéry não pôde imaginar. O plural chama a *corpos adolescentes e corpos anciãos, a corpos vivos e a corpos mortos, a corpos que gozam nas carícias sexuais ou os que estremeçam no suplício da tortura.*

3. Corpo em análise, dizer, falar, línguas...

Os corpos da sessão analítica estão em repouso; um sentado, o outro reclinado, algumas vezes serenos, outras inquietos, desassossegados. São corpos falantes, que dizem, que escutam. Estão, como todos os corpos humanos, submersos em um médium, suspensos em uma atmosfera ou um elemento, feitos de vozes, de gestos, de palavras. Um pacto palavreiro enunciado desde o começo pelo analista (pelo menos, eu continuo fazendo-o, ainda que saiba que pode ser questionado) convida a quem veio solicitar ajuda a dizer o que passa por sua cabeça (e não por seu espírito ou sua alma). Dizer ou falar? Também Ortega fez uma diferenciação entre falar e dizer, que talvez não tenha validade para os especialistas em linguística. Falar para Ortega é fazer uso (ou se deixar “usar”) pela língua, a língua nativa ou língua materna, língua íntima e ao mesmo tempo social que ele concebe como um sistema ou conjunto extraordinariamente extenso formado por usos ou gestos verbais, um “repertório gigantesco” que é transmitido, se forma e se deforma na travessia das gerações. Lacan falava do “tesouro de língua”. Os corpos humanos nascem nele, e falar significa para eles se abandonar ativamente a esse caudal ou torrente sonora que nos atravessa. Os corpos humanos são falados ou falam em línguas. As línguas estão antes que eles, fora deles, e ao mesmo tempo dentro, construindo o mundo interno. Dizer é dirigir intencionalmente a fala para um interlocutor com uma intencionalidade circunstancial ou particular. É dar forma à fala, torná-la pessoal. A palavra *verbal* está sempre dita por alguém a alguém. É um dos atos específicos, da “espécie” dos seres humanos. Os humanos conversam e por isso podem também se calar. A *palavra* dita é assim inseparável da voz que a diz e da circunstância na qual é *pronunciada, do destinatário a quem está dirigida, do interlocutor. É só uma parte, insiste Ortega, de uma realidade complexa: os gestos do corpo que a diz, a “cara que faz” o falante, a inflexão, o tom, a tonalidade da voz que tanto informa do humor, do ânimo de quem a pronuncia*².

Ou seja, supõe assim uma atualização da língua em sua função referencial. Mas é sempre também uma expressão de afetos, sentimentos, gestos corporais que a realizam.

Nas sessões analíticas pode se entender esta diferenciação, falar e dizer em outro sentido. É quando o paciente fala por falar ou se deixa falar sem perseguir uma finalidade precisa de dizer isto ou aquilo, quando mais se aproxima a algo que ressoa na orelha do analista como próximo ao inconsciente. É a *Einfall* freudiana, a palavra ou ideia chamada incidente em nossa língua. Seria talvez mais fiel ao *Fall* – ao “caso”, ao *cadere, cair*, raiz latina – traduzir *Einfall* por “palavra que irrompe”, que cai na língua do que fala sem que este o tenha proposto.

2. Ver, entre outros textos do autor, J. Ortega y Gasset, *El hombre y la gente* (1957/1983).

Pergunto-me: a interpretação do analista, a palavra, que, às vezes, se diz intempestivamente, como que a escutando quando é proferida, é também *Einfall*, acontecimento, palavra que vem e cai sem se propor, falada então mais que dita?

Já Novalis (1798/1942), o romântico alemão que tanto se interessou pelo que ele denominava “a acústica da alma”, havia relacionado o falar por falar, a palavra que fala para se falar a si mesma e de si mesma, como a mais próxima da palavra poética. Muito mais tarde, o russo Jakobson retomará a mesma direção, caracterizando a palavra da poesia como aquela que fala essencialmente da palavra mesma.

O analista não é um especialista da linguagem. Pode, claro, utilizar noções que provêm da linguística, como significante ou significado, enunciação e enunciado, ou esta diferenciação evocada do falar e dizer, para tentar descrever ou compreender o que acontece nas sessões quando se fala ou se cala. O analista está sempre mais próximo do que rejeita toda perícia, toda peritagem, toda *expertise*. O analista está na experiência de algo que não pode periciar, mas somente viver e tentar pensar na dúvida, na vacilação. Acredito que, nas sessões, o paciente e o analista, de modo diferente, habitam um espaço que lhes é comum, que seus corpos percebem como o que angustia, o que inquieta, o que desassossega. Mas é também o inquietante, o *desassossego* de Pessoa, o que motiva o escritor, o poeta, a trabalhar na escritura. Freud caracterizou o espaço da sessão como o “reino intermediário” entre o paciente e o analista, este espaço – anota Freud – atravessado pela transferência, esta modalidade relacional tão particular, sem comparação alguma com outras formas de vínculos palavreiros, que se elabora e que trabalha o analista e o analisando. O “reino intermediário”, *Zwischenreich*, é uma expressão freudiana que designa o coração mesmo da experiência psicanalítica, e que J.-B. Pontalis (2007) amava particularmente. É – nota Freud – o espaço entre “a doença e a vida real”, no qual se cria a transferência.

O amor ou o ódio de transferência são tecidos entre a vida e a morte, entre o saudável e o doente. No “reino intermediário”, em um sentido mais amplo, também escrevem os poetas e leem os que buscam. É o lugar comum no qual coabitam o analista e o poeta, a margem na qual se sente o “mal-estar”, o mal viver, o angustiante, a alegria de viver e o sofrimento de existir que a sociedade humana secreta.

Acredito que a concepção do corpo freudiano como pulsional, como animado, como corpo vivente retoma a via aberta pelo “poeta filósofo” Nietzsche. Sabemos que Freud confessa temer lê-lo porque poderia encontrar em suas páginas pensamentos por demais próximos aos seus, o que perturbaria seu trabalho de pesquisa, mas é quase inevitável citar Nietzsche quando se trata de outorgar aos corpos humanos toda a dignidade que merecem. Escreve na passagem “Os que depreciam os corpos” de *Assim falou Zaratustra* (Nietzsche, 1883/2019):

“Eu sou corpo e alma”. Assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças?
[...] “Eu” dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu. (p. 32)³

O corpo faz o eu e a alma. Deve-se lembrar que em alemão existem duas palavras que em nossa língua se traduzem por *corpo*: *Korp* e *Leib*. O primeiro termo designa o corpo anatômico; o segundo, o “corpo vivido”, o corpo humano. *Sabemos que as acusações de biologismo das quais Nietzsche foi vítima, quando os ideólogos nazis se apropriaram de seu vocabulário para tentar disfarçá-lo de nacional socialista, não são justificadas. E também Heidegger (1961), nega o valor revolucionário do corpo nietzschiano quando afirma, de forma redutora: “Que Nietzsche coloque o corpo vivente no lugar da alma e da consciência, não muda em nada a posição fundamental estabelecida por Descartes”*⁴ (p. 187). Eu diria que muda tudo.

Freud sempre foi fiel a uma concepção laica da alma, *Seele*, que não tem para ele uma significação religiosa. É a forma, frequente no alemão corrente, de designar a psique, a *psyché* dos gregos, ou *psyché*, sopro, o que anima o vivente. “Aparelho da alma” é uma expressão freudiana realista, que associa o sopro, o **ânimo**, o **invisível**, o **impalpável** do psíquico, com “aparelho”, o que pode se desarticular, se decompor em partes, em funções.

Acredito que, no “reino intermediário”, o analista tenta se despojar do hábito corrente em outras disciplinas de se prender a um protocolo que permitiria que a sessão analítica se transformasse em um experimento, que utilizaria a teoria como uma previsão ou um ordenamento, correndo assim o risco de negar ou de não perceber o “novo”, o que irrompe, o que faz *Einfall*, ocorrência ou acontecimento imprevisível em sua língua interior, em seu dizer de analista. A teoria, a metapsicologia freudiana, recusou o se fechar em um sistema terminado e assim fechado, acabado, como costuma acontecer às teorizações filosóficas. Essa ameaça também espregueia algumas formas de teorizar – para mim, abstratas demais – da psicanálise contemporânea. Toda teoria corre o risco de se transformar em dogma. Freud evitou, dentro do possível, os momentos de síntese definitiva esforçando-se em manter aberta a teoria às contribuições das outras ciências humanas e disciplinas científicas. Confessava que em sua biblioteca havia mais livros de história, de antropologia e de literatura que de psicologia. Acredito que dessa tendência nasce a estranha fidelidade de Freud, que atravessa toda sua obra do princípio ao fim, com a

3. N. do T.: Tradução de M. da Silva. A tradução desta citação corresponde à página 60 de: Nietzsche, F. (2005), *Assim falou Zaratustra*. M. da Silva (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1883).

4. N. do T.: Tradução livre.

palavra do poeta. No “reino intermediário” de sua obra se encontram os saberes mais importantes de seu tempo. Mas acredito que um dos interlocutores mais apreciados, mais presentes em sua escritura, tenha sido o *Dichter*, o Poeta, o Criador ou o Fazedor, como diria Borges, de obras de ficção. Tentamos, junto com J.-B. Pontalis em *Freud com os escritores* (Gómez Mango e Pontalis, 2014), explorar precisamente esse “com”, esse estar “frente” ao outro, apoiando-se nele, mas também suportando ambivalências, pensando às vezes “contra” seu interlocutor privilegiado.

Esta tentativa de permanecer no aberto, no imprevisto, frente ao que vem, é uma maneira de habitar as sessões que me parece a mais conveniente e adequada. Faz lembrar a conhecida resposta de Itzig – cavalheiro citado por Freud (1985 [7 de julho de 1898]/1986) –, quando alguém lhe pergunta em uma de suas cavalgadas matinais: “Itzig, para onde você vai?” – E eu sei? Pergunte ao cavalo”⁵ (pp. 348-349). Assim, como se deixando ir para onde o leva seu cavalo, o inconsciente, Freud escrevia os capítulos de seus livros, *Compêndio da psicanálise*, a *Traumdeutung*, *A interpretação dos sonhos*, ou livro sonho. Assim o explica a seu amigo Fliess. Começava um capítulo sem saber qual era o ponto terminal (p. 349).

Ouvir a *Einfall*, o que ocorre, o que interrompe ou acontece, seria impossível se a escuta do analista estivesse orientada para uma finalidade prefixada, para uma “representação meta”. Por isso desconfio dos protocolos que foram propostos nos últimos anos para tentar pesquisar, por exemplo, que teorias utiliza o analista quando interpreta ou sobre outros temas similares.

Como analista não me interessa na sessão estar “convencido” do que vou dizer, e que algumas vezes digo e outras não. Também não pretendo convencer o paciente da verdade de uma interpretação. Na sessão, meu corpo de analista pensante, sensível, falante, rejeita convencer ou ser convencido pelo corpo que me fala e do qual escuto a voz. Escuto-a em minha própria voz que fala dentro de mim. Às vezes não posso determinar quando, nem como, a minha se diz em voz alta e se entrelaça com a voz do outro, para explicar, compreender, acompanhar, adivinhar? Todas estas são possibilidades que se abrem no horizonte do dizer de análise. Mas acredito que outras direções, como a de demonstrar, convencer, ou afirmar, não são operantes na relação analítica. A palavra do analista não pode ser a de um especialista, mas palavra de um corpo falante que balbucia junto a outro para avançar em e com as palavras, para seguir na viagem palavreira, na travessia e na errância das línguas, a minha, a dele ou dela. Fre-

5. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução desta citação corresponde à página 320 de: Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 – 1904*. Editado por Jeffrey Moussaieff Masson. Em V. Ribeiro (trad.), Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1985 [7 de julho de 1898]).

quentemente penso neste verso de René Char (1977) que me parece que ilumina o dizer analítico: “As palavras que vão surgir sabem de nós coisas que ignoramos delas”⁶.

“Falar em línguas” é uma expressão que significa estar habitados como na lenda evangélica de Pentecostes, festa de páscoa, comemoração da ressurreição, por línguas de fogo que descem sobre um grupo de crentes. Nelas ardem e se consomem as línguas diferentes para se transformar em uma só chama que as fala e as diz a todas. As línguas várias e diferentes são capazes de se falarem umas nas outras em uma espécie de tradução simultânea, que surge como a antípoda da maldição de Babel. Falar em línguas seria abolir a tradução. Terrível ameaça para todas as línguas, já que não se concebe uma língua que não tenda a se traduzir em outra. A pluralidade de línguas assegura a liberdade de cada uma e permite que o desejo de traduzir, que é tão frequente nos grandes poetas (como o era no grande poeta francês desaparecido há apenas alguns meses, Yves Bonnefoy, que consagrou muito de seu tempo de escritura à tradução de Shakespeare). Os que vivemos o exílio sabemos que o exilado se transforma necessariamente em um tradutor quase permanente, indo de sua língua nativa à do país que o acolheu ou no que está obrigado a viver. Vai permanentemente do aqui ao ali, do idioma de partida ao idioma de chegada.

A atividade da tradução também se faz presente nos corpos e nas falas dos que habitam a cena analítica. *Un mudo en la lengua*. Esse livro ⁷ – o título, e quase a totalidade do projeto – foi desencadeado ou promovido pelo assombro que provocou em mim o verso de André du Bouchet. Referindo-se a *L'emportement du muet [O arrebatado do mudo]* (Bouchet, 2000), um de seus poemários, anota: “por pouco que eu seja na língua... – eu, não a pessoa do outro – invariavelmente sou na língua o mudo”⁸. Meu assombro surgia da declaração de um poeta de ser, em sua própria língua, o mudo. Imaginei então que o *infans*, a criança sem palavras, muda, a criança primitiva que continua a ser criança, ainda que entre ou caia na linguagem, que conserva viva toda a sensorialidade e a sensualidade que a envolviam e impregnavam no arcaico originário, se bate contra as palavras, ou as acaricia, e que desse tremor e estremeamento do infantil quando se encontra e confronta com a linguagem surge o canto da poesia.

O motivo do *infans* – que já aparece em Freud e também em Melanie Klein, que utilizava em seus escritos esse termo, que se costumava traduzir como *bebê* – foi principalmente reatualizado por J.-B. Pontalis na psicanálise contemporânea. *Infans* não designa uma etapa cronológica do desenvolvimento da evolução da criança, mas tenta significar

6. “Les mots qui vont surgir savent de nous des choses que nous ignorons d’eux”.

7. *Un muet dans la langue* (Gómez Mango, 2009).

8. “pour peu que je sois dans la langue... – moi, non la personne de l’autre – invariablement je suis dans la langue le muet”.

um modo de existência do infantil que atravessa constitutivamente a vida psíquica. “Dar a palavra ao *infans*” é uma expressão cara a Pontalis, pela que tentava insinuar um dos aspectos importantes do trabalho analítico: ter em conta o infantil mudo que habita e emerge nas sessões, criar a possibilidade para que o mutismo da infância possa ser ainda ouvido e valorizado. Abria assim um horizonte do trabalho analítico que não se limitava a ficar preservado em “toda linguagem”. Convidava os analistas a serem sensíveis aos aspectos não linguísticos ou que chegam apenas, na “ponta da língua”, no dizer da análise. A linguagem, claro está, continua tendo uma importância capital, que segue vigente sem que faça desaparecer os outros aspectos que os registros dos corpos e das línguas deixam também manifesto.

Esta tendência reafirma uma característica que acredito essencial da experiência analítica: a inquietante estranheza, a *Unheimlich* freudiana. Não há tempo para entrar nos tão ricos matizes que as diversas traduções suscitaram e ainda o fazem. Lembro apenas que *un* é um prefixo privativo, e que *Heimlich*, aborda uma gama de afetos e de tonalidade como familiar, o caseiro, o secreto, o privado, o que é nosso em confronto com os outros, os estrangeiros. Depois de ter revisado a evolução desta expressão em várias línguas, Freud se detém no momento poético criado por Schelling quando destaca que talvez o mais próprio dessa experiência ocorra quando aquilo que deveria ficar no não dito, no secreto ou no silêncio, consegue de alguma forma se manifestar. O fundo da experiência analítica está também ali, quando a palavra ou o dizer coloquial ou familiar se torna estranho. Quando a presença dos dois corpos falantes se vê invalidada por algo que lhe é alheio, que não lhe pertence, mas que ao mesmo tempo surge do familiar e do íntimo. É por isso, acredito, que uma empatia exagerada, que uma familiaridade excessiva transforma e impede que se mantenha a estranheza da relação desses dois desconhecidos que decidiram, no entanto, viajar juntos, às vezes por um longo tempo, sem ter previamente prefixado uma finalidade, um itinerário nem um tempo de chegada. É talvez o mais difícil, mas também indispensável, que os corpos línguas que trabalham em análise se sintam “estranhados”, não percam o sentimento da estrangeiridade do movimento próprio da análise, a distância e a tensão que permitem a travessia das palavras pela transferência. É na zona silenciosa – que subjaz à linguagem, mas que aflora em permanência no estremecimento ou vibrações dos corpos – onde se encarna e se desenvolve a análise como experiência. Em *Traversée des ombres*, J.-B. Pontalis (2003) dizia que na experiência da inquietante estranheza, o Inconsciente deixa de ser um objeto de análise, o que o mantém à distância, e se expressa em ato, ao que nos sentimos por assim dizer liberados (ou entregues).

Os corpos do analista e do paciente – presentes, que se escutam e se falam sem ver os rostos –, o que acontece entre eles – palavras, mas também afetos, sentimentos, os atos falhos e os lapsos, os bre-

ves, mas muitas vezes intensos, momentos nos quais se encontram de pé ou caminhando um atrás do outro, no cumprimento de recepção ou de despedida – formam um verdadeiro enxame do qual surge a linguagem atualizada pelas línguas falantes e pelos ouvidos que as recebem. Desta presença em comum, mas também da preservação da distância adequada entre as duas cenas, a do paciente e do analista, se transita e é possível o trabalho da transferência. É esta constatação de base a que me faz duvidar da possibilidade das análises à distância, das supervisões on-line. Para mim é muito difícil imaginar uma transferência que não seja vivida na carne dos corpos presentes, sustentada pelas palavras ditas e ouvidas. Como imaginar a produção da angústia no meio virtual? E são muitas vezes o soluço ou o riso intempestivo os que conseguem dar sentido ao que não pode se articular na linguagem, aquilo que não chega a se dizer mais que por um estremecimento ou um sobressalto dos corpos. Aqui também a palavra analítica e a palavra poética, que não podem se confundir, parecem, no entanto, se aproximar e até quase se tocar. Porque o poeta tenta muitas vezes chegar a roçar com as palavras o que é indizível, tenta que no poema possa vibrar o soluço, o suspiro ou o lampejo de um sorriso. A inquietante estranheza da análise se corresponde, ainda que em outro espaço e com outros meios, com a inquietante estranheza da poesia. Na análise se faz a experiência do alheio, que está, no entanto, como que incrustado no mais próprio. O humano dizente em análise se atreve a reconhecer que não é o dono de sua própria casa, que o eu consciente está tomado e sustentado por pulsões obscuras que começa a entrever. Reconhece que algo muito estranho habita sua intimidade, e que não só se manifesta no sonho ou na fantasia, mas também no estremecimento carnal de seu corpo. Adivinha, enfim, que uma alteridade radical está presente e constitui sua identidade enigmática e incerta. O poeta também se sabe atravessado pela torrente de palavras que tenta decifrar, captar ou simplesmente anotar. Sente às vezes que a voz que dita, ainda que pareça vir de muito longe, surge, no entanto, muito próxima do ouvido. É, talvez, quando a voz interior sussurra ou fala em voz baixa que ele encontra a felicidade sonora do dizer de seus versos. Livra-se ele também de um dizer que não domina, mas com o qual luta. Sabe que com a linguagem já não pode alcançar o que a linguagem mesma o obrigou a abandonar, aquele tempo do *infans* no que se confundia em uma imersão sem fim no mundo sensorial do qual ainda não havia se separado totalmente. Mas não pode cessar de desejar, de se consumir na ardente nostalgia de um canto no que possa se reparar, reencontrar a seus irmãos, os poetas, e aos que como eles falam frente à noite, para apaziguar a dor de existir na que vivem. O poeta descobre, como também às vezes a análise o permite descobrir, que o “estrangeiro” é a criança que fomos e que ainda vive e sonha no adulto em que nos transformamos.

Heinrich Heine, a quem Freud amava como a um irmão, morreu em Paris por muitos anos, até sua morte. Escreveu sempre em alemão. Apenas um de seus poemas leva um título francês: *L'enfant perdu*. A *criança perdida*⁹, que às vezes só pode se reencontrar nestas línguas íntimas e estrangeiras, a da análise e a da poesia.

Resumo

O autor elabora em forma de diálogo com Marcelo Viñar, ideias sobre a importância do corpo e da língua, destacando o papel da sensorialidade e da sensualidade da palavra humana, na sessão analítica ou fora dela.

A análise seria este “reino intermediário”, *Zwischenreich*, espaço atravessado por esta modalidade relacional singular, a transferência, sem paralelo com outras formas de vínculos palavreiros. A palavra do analista não pode ser a de um sábio, mas sim a de um corpo falante que balbucia junto ao outro.

O autor propõe ainda considerar o infantil não falante (*infans*) que habita e flutua nas sessões criando possibilidades para que a não fala da infância possa ser escutada e valorizada: a *criança perdida*, que às vezes só se pode reencontrar nessas línguas íntimas e estrangeiras, a da análise e da poesia. É nesta zona silenciosa – aquela que subjaz à linguagem, mas que aflora no estremecimento ou nas vibrações dos corpos – que se encarna e se desenvolve a análise como experiência.

Palavras chave: *Língua, Infans, Corpo, Análise.*

Abstract

In the shape of a dialogue with Marcelo Viñar, the author develops ideas about the importance of the body and the language, highlighting the role of the sensoriality and sensuality of the human word – both inside and outside the analytical session.

Analysis would be this “intermediary realm”, *Zwischenreich*, a space traversed by this singular relational modality, the transference, with no parallel in other forms of wordy bonds. The analyst’s word cannot be that of a sage, but rather that of a speaking body that babbles next to the other.

The author also considers the non-speaking infantile (*infans*) that floatily inhabits sessions, generating possibilities for childhood’s non-speech to be listened to and valued: *the lost child*, which sometimes can only be re-encountered within these intimate and foreign languages (those of analysis and poetry). It is in this silent zone – which lives underneath language and flourishes within the bodies’ tremor or vibrations – where the analysis becomes embodied and is developed as an experience.

Keywords: *Language, Infans, Body, Analysis.*

9. N. do T.: Tradução livre.

Referências

- Bouchet du, A. (2000). *L'emportement du muet*. Paris: Mercure de France.
- Char, R. (1977). *Chants de la balandrane*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1986). Carta 92. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Cartas a Wilhem Fliess: 1887-1904* (pp. 348-350). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1985 [7 de julho de 1898]).
- Gómez Mango, E. (2009). *Un muet dans la langue*. Paris: Gallimard.
- Gómez Mango, E. e Pontalis, J.-B. (2014). *Freud con los escritores*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Heidegger, M. (1961). *Nietzsche* (vol. 2). Pfullingen: Günther Neske.
- Nietzsche, F. (2019). *Así habló Zaratustra*. Madri: Verbum. (Trabalho original publicado em 1883).
- Novalis (1942). *Fragmentos* (A. Selke e A. Sánchez Barbudo, trad.). México: Nueva Cultura. (Trabalho original publicado em 1798).
- Ortega y Gasset, J. (1983). El hombre y la gente. Em J. Ortega y Gasset, *Obras completas* (vol. 7). Madrid: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1957).
- Ortega y Gasset, J. (1995). El novecentismo. Em J. Ortega y Gasset, *Meditación del pueblo joven y otros ensayos sobre América*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1916).
- Pontalis, J.-B. (2003). *Traversée des ombres*. Paris: Gallimard.
- Pontalis, J.-B. (2007). *Le royaume intermédiaire: Psychanalyse, littérature, autour*. Paris: Gallimard.